



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ADRIANA DE LIMA VIRGINIO**

**EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO EM  
DIVERSIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAIBA: O QUE DIZEM OS/AS DOCENTES?**

**JOÃO PESSOA**

**2018**

ADRIANA DE LIMA VIRGINIO

**EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO EM  
DIVERSIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA: O QUE DIZEM OS/AS DOCENTES?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Pedagogia da Universidade  
Federal da Paraíba (UFPB), como requisito  
parcial para obtenção do título de Licenciatura  
em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

JOÃO PESSOA

2018

Catálogo na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação

V817e Virgínio, Adriana de Lima.

EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE NO  
CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA:  
O QUE DIZEM OS/AS DOCENTES? / Adriana de Lima Virgínio.  
- João Pessoa, 2018.  
49 f.

Orientação: Jeane Félix Silva.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Sexualidade, Diversidade, Docência, Pedagogia. I.  
Silva, Jeane Félix. II. Título.

UFPB/BC

## TERMO DE APROVAÇÃO

ADRIANA DE LIMA VIRGINIO

### EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA: O QUE DIZEM OS/AS DOCENTES?

O presente trabalho foi submetido à avaliação da banca examinadora, em cumprimento as exigências do curso de Pedagogia, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 08/06/2018

#### Banca examinadora

Jeane Felix da Silva  
Profa. Dra. Jeane Felix da Silva - Orientadora - UFPB

Maria Deborah Cabral de Souza  
Profa. Ms. Maria Deborah Cabral de Souza - Examinadora - UFPB

Joseval dos Reis Miranda  
Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda - Examinador - UFPB

*Dedico esse trabalho a minha orientadora Jeane. Você confiou em mim e isso me fez forte. Incentivou-me quando eu estava criando meu Tcc que, sem muita noção das palavras, das minhas girias, dos meus erros... Sempre me disse que estava bom. “Alguns ajustes e está ficando muito bom, leia mais!, pesquise mais!, ‘você consegue!’”. Seu amor por sua profissão, seu olhar de quem quer ver o outro crescer, serei grata por tudo sempre e me espelho agora em seus passos para ser uma pedagoga que estimula meus alunos a serem capazes de conquistarem o que quiserem através dos estudos. Que a gente se esbarre muito nessa minha nova caminhada. Deus esteja em seu caminho sempre. Você faz parte da minha vida e das minhas orações.*

## **AGRADECIMENTOS**

Sou grata à vida, e a tantas pessoas que não poderia deixar de acrescentar aqui em meus agradecimentos.

Agradeço a Deus que me fortaleceu, me deu sabedoria e discernimento para não desistir do Curso de Pedagogia.

Agradeço a minha professora e orientadora, Jeane por toda sua paciência, e por suas orientações.

Agradeço a minha amiga Lidiane pela parceria e pelos momentos de lutas juntas.

Agradeço a Dilminha e a Katherine Dias que foram duas pessoas especiais que sempre me aconselharam nos momentos difíceis.

Agradeço também a minha turma oficial Pedagogia 2012.2 em particular a galera do fundão, Zizi, Silvio, Erica, Kathy, Renata, e todos amigos/as que estiveram ao meu lado nessa trajetória acadêmica.

Agradeço a banca Examinadora, Professora Deborah e Professor Joseval por contribuírem com meu trabalho, a Jonh pelo apoio, a minha amiga Pri, a minha família querida, minha rainha mainha, painho, minhas irmãs, aos amigos da antiga Xerox do DA-Carvalho, e ao Universo, pois sei que tudo que “a gente planta a gente colhe”, e esse Tcc é fruto de muita batalha e a porta de muitas vitórias que virão.

*“Ou nos conformamos com a falta de alguma coisa na nossa vida, Ou lutamos para realizar todas as nossas loucuras”*

*Mário Quintana*

VIRGÍNIO, Adriana de Lima. EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA: O QUE DIZEM OS/AS DOCENTES? João Pessoa: UFPB, 2018.

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo conhecer e refletir sobre o que os/as professores/as que trabalham com as disciplinas Educação Sexual e Educação e Diversidade Cultural, no Curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba, Campus I, pensam sobre a abordagem desses temas em sala de aula, e o que foi abordado na formação desses/a profissionais sobre o tema em questão. Acredita-se que esses/as professores/as têm uma contribuição fundamental para a formação de seus alunos e alunas na abordagem de temas como sexualidade, gênero, diversidade, prevenção de gravidezes não planejadas, Infecções Sexualmente Transmissíveis e Aids. O trabalho traz um breve levantamento de como a educação em sexualidade e educação em diversidade estão sendo trabalhadas no âmbito das políticas públicas na intenção de articular com o que pensam os/as docentes do referido Curso. A abordagem metodológica foi realizada por meio de uma pesquisa qualitativa cuja coleta de dados se desenvolveu pela aplicação de um questionário com os/as docentes. Os resultados da pesquisa apontam que os/as professores/as veem o interesse dos/as alunos/as pelo tema, reconhecem a importância de se trabalhar essas temáticas e de algumas lacunas que o curso de Pedagogia apresenta em relação às disciplinas que discutem assuntos relacionados à sexualidade e diversidade.

**Palavras-Chave:** Sexualidade, Diversidade, Docência, Pedagogia.



## **ABSTRACT**

This Course Conclusion Paper aims to know and reflect on what teachers working with the subjects Sexual Education and Education and Cultural Diversity, in the Pedagogy Course at the Federal University of Paraíba, Campus I, think about the approach to these topics in the classroom, and what was addressed in the training of these professionals on the subject in question. It is believed that these teachers have a fundamental contribution to the training of their students in addressing issues such as sexuality, gender, diversity, prevention of unplanned pregnancies, Sexually Transmitted Infections and AIDS. The work brings a brief survey of how education in sexuality and diversity education are being worked within the scope of public policies in an attempt to articulate with what the teachers of the said Course think. The methodological approach was carried out through a qualitative research whose data collection was developed by the application of a questionnaire with the teachers. The results of the research indicate that the teachers see the students' interest in the subject, recognize the importance of working on these themes and some of the shortcomings that the Pedagogy course presents in relation to the disciplines that discuss subjects related to sexuality and diversity.

**Key words:** Sexuality, Diversity, Teaching, Pedagogy.

## **LISTA DE SIGLAS/ ABREVIATURAS**

AIDS-Síndrome da Imunodeficiência adquirida

BNCC-Base Nacional Curricular Comum

CE-Centro de Educação

DFE-Departamento de Fundamentos Educacionais

DHP-Departamento de Habilitações Pedagógicas

IST-Infecções Sexualmente Transmissíveis

IES-Instituição de Ensino Superior

MEC-Ministério da Educação e Cultura

OS-Orientação Sexual

PCN-Parâmetros Curriculares Nacionais

PPC-Projeto Político de Curso

PSE-Projeto Saúde na Escola

PENSE-Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

SPE-Saúde e Prevenção na Escola

TCC-Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB-Universidade Federal da Paraíba

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. SEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL: ALGUNS APONTAMENTOS....	16
1.1-Os/as professores/as e a educação para a sexualidade .....	19
2. EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE NAS POLÍTICAS PÚBLICAS .....	24
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS .....	30
3.1-Sujeitos da Pesquisa .....	31
4. SEXUALIDADE E DIVERSIDADE: O QUE DIZEM OS/AS DOCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA ? .....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	42
REFERÊNCIAS .....	45
ANEXOS .....	48

## INTRODUÇÃO

Sabemos que a sexualidade e a diversidade estão presentes na vida de todas as pessoas e em todos os lugares da sociedade, nas famílias, nas rodas de amigos/as, nas igrejas e nas instituições de ensino. Porém, ainda existem muitos tabus e preconceitos que bloqueiam o diálogo sobre os temas nos meios sociais. Como estudante do Curso de Pedagogia, pude observar, particularmente nas práticas de Estágio Supervisionado, que existem muitas dificuldades dos/as professores/as para trabalharem esses temas na sala de aula, mesmo o assunto sendo recorrente entre os/as jovens. Essa dificuldade vem, principalmente, porque iniciar um diálogo sobre sexualidade e sobre as diversidades que nos constituem (particularmente as diversidades de gênero e sexualidade) não exige apenas um conhecimento científico, mas também valores, entre os quais, valores religiosos, pessoais e morais. Para muitos/as profissionais é difícil afastarem-se de suas crenças e valores pessoais no âmbito do tratamento pedagógico dessas questões.

Essas temáticas tornaram-se cada vez mais frequentes entre os/as jovens, principalmente com a disseminação das mídias como a televisão, rádio, internet, filmes e músicas que exercem uma Pedagogia Cultural que, assim como qualquer outro processo educativo, ensina modos de ser e estar no mundo, disciplina, educa e regula corpos. Os conteúdos que circulam por meio das pedagogias culturais indicam “o que é certo e o que é errado”, o desejável, o esperado em torno dos comportamentos sexuais e da identidade de gênero das pessoas (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

As mudanças na sociedade têm que ser acompanhadas pela família e pelos/as educadores/as, para que assim tenhamos uma educação que dialogue com o que a modernidade traz. Devemos trabalhar em nossas práticas pedagógicas de modo que nossos/as jovens recebam informações que lhes permitam fazer escolhas conscientes em relação à sua sexualidade e suas singularidades. É interessante que a família e a escola trabalhem juntas na educação para a sexualidade e para a diversidade. Todavia, essas instituições possuem responsabilidades diferentes no tocante à educação e, no que tange à escola, ela precisa abordar essas questões e não podem deixar de fazê-lo por pressões familiares ou políticas. Para isso, é preciso que os/as professores/as estejam cientes e bem formados para tal função.

É necessário que os/as professores/as e os familiares se conscientizem que, independente da idade, a sexualidade está presente em nossas vidas e que as informações precisam ser levadas, dúvidas devem ser esclarecidas e discutidas, de maneira objetiva e simples deixando os/as estudantes com o conhecimento necessário para viverem sua sexualidade e vida sexual.

Assim, conversar sobre a sexualidade apenas na adolescência reflete uma visão pedagógica limitada, baseada na crença de que sexualidade é iniciação sexual. Cabe destacar que, cada vez mais, grupos conservadores têm sugerido a exclusão do tema nas políticas públicas e práticas pedagógicas (FELIX, 2016). Compreendo que a sexualidade envolve a vivência do corpo, da afetividade e da amorosidade e não se limita apenas a vida sexual, que ultrapassa questões biológicas e constitui-se também dentro de um processo histórico-cultural (LOURO, 2001).

Apesar de não ter dedicado seus estudos ao campo da sexualidade, Freire (1992, p.12) apresenta uma definição bastante interessante. Para o autor, “a sexualidade é o alongamento de nós mesmos. É produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, e que exige de nós a busca do saber sobre o nosso próprio corpo”. O autor deixa claro que não podemos ser autênticos no mundo e com o mundo se nós estivermos fechados/as e medrosos/as aos mistérios do nosso próprio corpo e de nossa própria sexualidade.

É importante falarmos de sexualidade, pois faz parte de nossa vida e que ao nos permitirmos dialogar sobre o tema tiramos dúvidas que, muitas vezes, criamos sobre o nosso próprio corpo. A diversidade é o que nos constitui, marca nossas singularidades e coletividades. Somos também sujeitos da diversidade. Desse modo, ao refletirmos sobre esses temas colaboramos para uma melhor qualidade de vida, uma ascensão de nossa saúde mental e física, sexual e reprodutiva, e esclarecemos questões relacionadas às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), gravidezes não planejadas, às relações de gênero, aborto, aids<sup>1</sup>, abuso sexual, respeito ao próximo, enfrentamos racismo, machismo, lebo/homo/transfobia entre outros.

---

<sup>1</sup> Félix (2012) entende a aids não apenas como uma epidemia viral clínica e biológica, mas uma epidemia de aspectos morais, culturais e discursivos, em virtude disso, a autora opta por utilizar “aids” e não “AIDS”, pois esta se limitaria aos aspectos epidemiológicos. Para a autora, a aids “é mais do que se disse

Este trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo: conhecer e analisar o que os/as professores/as do Curso de Pedagogia, UFPB/Campus I, que trabalham com as disciplinas *Educação Sexual* e *Educação e Diversidade Cultural* pensam sobre a abordagem desses temas em sala de aula, e de que modo se deu a formação de tais docentes sobre os temas em questão. Esse objetivo se origina das seguintes questões: O que está sendo estudado no curso de Pedagogia em relação às temáticas vinculadas à educação em sexualidade e educação em diversidade? Como esses temas são trabalhados? De que modo os/as docentes entrevistados compreendem a importância de tais disciplinas?

O que me levou a investigar sobre esse tema foi observar, na minha trajetória no Curso de Pedagogia, dúvidas entre os/as colegas de sala, que apesar de adultos/as, não tinham muita noção de informações básicas para exercer a sua sexualidade de forma segura. Assim, refletindo sobre os diálogos de meus/minhas colegas ao longo do curso, percebi que é de extrema importância que em nossa formação tenhamos conhecimentos para trabalharmos com crianças e jovens informações adequadas para auxiliá-los/as com seus questionamentos sobre sexualidade, ensinando-os/as, também, a valorizar a diversidade.

Assim, para iniciar este TCC foram feitas pesquisas das teses e dissertações dos últimos 10 anos que discutiam a temática da sexualidade e da diversidade. Em seguida, fiz leituras sobre a educação para a sexualidade, políticas públicas, e práticas educativas preventivas, temas que sempre chamaram minha atenção no decorrer da graduação, essas leituras me ajudaram a ter um conhecimento teórico para a construção do meu TCC.

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de tipo qualitativo, na qual foram realizadas a aplicação de questionários, contendo 10 (dez) perguntas, junto aos(as) docentes do Curso de Pedagogia que trabalharam nas disciplinas *Educação Sexual* (disciplina optativa) e *Educação e Diversidade Cultural* (disciplina obrigatória do 2º período) nos períodos letivos 2017.1 e 2017.2. Para isso, foi feito um

---

e se pensou sobre ela, do que uma infecção viral” (p.27). Assim, neste trabalho, inspirada na autora, também opto por utilizar “aids” em letras minúsculas.

levantamento no Departamento de Fundamentação da Educação (DFE) e Departamento de Habilitação Pedagógica (DHP) sobre quais professores/as trabalham essas disciplinas no período mencionado.

O Trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresento o referencial teórico que sustenta a pesquisa; no capítulo dois, aponto como o tema foi sendo trazido por algumas políticas públicas e documentos normativos, o capítulo três apresenta os caminhos metodológicos, o capítulo 4 dispõe sobre resultados da pesquisa e a análise dos dados; e, por fim, apresento as considerações finais.

## 1. SEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL: ALGUNS APONTAMENTOS

Em cada sociedade, atribuem-se sentidos diferentes ao que se compreende por sexualidade. Por isso, diz-se que a sexualidade é uma construção social, histórica, cultural. Na nossa sociedade, com muita frequência, confunde-se sexualidade com sexo. Contudo, é interessante fazermos uma distinção entre sexo e sexualidade, e no pensamento de Figueiró (2006, p.42) a autora diz:

A Sexualidade é uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida a sua dimensão biológica, nem a negação da genialidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser concebida como uma ‘parte’ do corpo. Ela é, pelo contrario, uma energia vital, da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social, que é condicionada, pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais.

Podemos observar que, na visão de Figueiró (*ibidem*), a sexualidade seria parte da condição humana, considerando a individualidade de cada pessoa. A autora mostra que a sexualidade vai além de conceitos biológicos e é compreendida em nossa cultura, em diferentes momentos da história da nossa sociedade. Já Fagundes (2005), indica que a nossa cultura reduz a sexualidade a uma função genital e reprodutiva, e destaca que:

Sexualidade é muito mais do ter um corpo apto para procriar e apresentar desejos sexuais; pressupõe intimidade, afeto, emoções, sentimentos e bem-estar individuais decorrentes, inclusive da historia de vida de cada pessoa. A sexualidade resulta também de uma construção marcada pela historia, localizada pela cultura e que transcende as manifestações do corpo, transcende a genitalidade. (FAGUNDES 2005, p.14)

Há, ainda, pessoas que associam sexualidade ao ato sexual. É importante destacarmos que a sexualidade e o ato sexual são coisas diferentes e que um, não necessariamente, precisa vir junto ao outro. Cabe a cada pessoa decidir o momento, com quem, como, em que lugar em que iniciará a sua vida sexual. Cabe destacar, contudo, que no mundo, muitas pessoas, particularmente mulheres, iniciam suas vidas sexuais por meio de violência e exploração e é exatamente para se contrapor a essa situação que a educação em sexualidade é fundamental. Pontuo nas minhas leituras que estudos mais



antigos relativos à sexualidade destacam o tema como algo ligado a reprodução humana, a desejo sexual, a troca de prazeres que os estudos mais atuais articulam a sexualidade às questões de relações humanas, ao carinho, o afeto e o conhecimento. Nesse sentido, Ribeiro aponta que:

A sexualidade é um conjunto de fatos, sentimentos e percepções vinculados ao sexo ou a vida sexual. É um conceito amplo que envolve a manifestação do impulso sexual e o que dela é decorrente: o desejo, a busca de um objeto sexual, a representação do desejo, a elaboração mental para realizar o desejo, a influência da cultura da sociedade e da família, a moral, os valores, a religião, a sublimação a repressão. Em sua essência a sexualidade é biológica, e tem como objetivo primordial, aqui com significado de fonte, princípio origem a perpetuação da espécie (RIBEIRO, 2005, p.17).

Os termos sexo e sexualidade são definidos no dicionário Aurélio (2002), como: Sexo - conjunto das características que distinguem os seres vivos, com relação a sua função reprodutora. Sexualidade - Condição de sexual. Tais definições são restritas e não dão conta de pensar a sexualidade - e também o sexo - na articulação com as relações humanas mais amplas, de modo contextualizado com o momento histórico em que se vive. Neste trabalho, como já foi dito, compreendo a sexualidade em um sentido mais amplo, como construção social, o que implica dizer que os sentido que atribuímos à sexualidade, ao que é permitido ou não em uma determinada cultura e tempo histórico são construídos e podem, portanto, ser modificados.

De forma mais nítida, podemos explicar o sexo como um conjunto de características fisiológicas e anatômicas, já a sexualidade as mudanças da nossa vida, como mudanças no corpo, nossas relações de afetividade e nossas culturas. Quando falamos em sexualidade, Weeks (2010, p. 43) argumenta que:

Sexualidade como uma descrição geral para a serie de crenças comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com que Foucault denominou ‘o corpo e seus prazeres’.

Já César Nunes (2003), indica que a sexualidade é uma das dimensões fundamentais da existência humana e que o desejo, o prazer e a afetividade são os meios mais profundos de relacionamento humano. Nunes (2003, p. 19) também cita que, “importa-nos demonstrar que a sexualidade, como dimensão humana, não pode ser

reduzida a um objeto estranho fora de nós, sobre o qual se faz um discurso técnico, frio dogmático ou permissivo”. Isso nos faz refletir o quanto precisamos pensar e viver a sexualidade de forma natural apesar de nossas próprias contradições culturais e pessoais criadas ao longo de nosso desenvolvimento.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados pelo Ministério da Educação em 1998, a sexualidade é mencionada como parte do desenvolvimento físico e no psicológico dos seres humanos, pois é independente da potencialidade reprodutiva, refere-se também com a busca do prazer. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do nosso desenvolvimento.

Ao longo do tempo, a sexualidade foi ganhando outras abordagens, ganhando novas descobertas como a de tratamentos para algumas doenças, a pílula anticoncepcional e o preservativo que é o meio mais seguro de se proteger contra IST/aids. Dentre as novas discussões nesse campo, cabe inserir a diversidade sexual e identidade de gênero.

A diversidade sexual é a possibilidade plural de manifestações da sexualidade. Numa divisão tradicional, podemos dizer que a diversidade sexual se expressa pela heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade. Para muitas pessoas a sexualidade não é experimentada de modo fixo e elas transitam pela sexualidade, se permitindo pluralizar tais experiências. Contudo, o modelo hegemônico é a heterossexualidade, assim, essa é a expressão da sexualidade esperada, desejada, valorizada e em nome dela, pessoas que expressam sexualidades diferentes podem sofrer preconceitos e discriminação. Para Figueiró (2007), a diversidade sexual refere-se a diferentes orientações sexuais e diferentes desejos sexuais, bissexual, homossexual e heterossexual.

Por sua vez, gênero é a construção social das feminilidades e masculinidades. Carvalho (2013, p.11) conceitua gênero como um “conjunto de sentidos atribuídos a corpos e identidades/subjetividades; e, por extensão, a objetos, espaços e práticas materiais e simbólicos denominados femininos ou masculinos, de forma dicotômica e hierárquica”. E a educação sexual como um método educativo, onde se é discutido diversas temáticas como sexo, aborto, gravidez, a importância da camisinha, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis, os significados da sexualidade, entre outros. Sartori, (2008, p.9) evidencia o gênero como “uma categoria de análise, de

relações sociais, de dominação/subordinação baseadas na diferença sexual que atravessa a escola e as relações escolares”. A teorização sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual possibilita a desconstrução das diferenças, hierarquias e formas de dominação, e precisa ser incluída nos processos de formação de professores e professoras.

A diversidade é o reconhecimento da pluralidade de indivíduos e grupos, bem como seus valores, culturas, lugares de origem. Segundo Carvalho, Andrade e Junqueira (2009, p. 11):

Diz respeito à variedade, à coexistência ou à convivência de diferentes ideias, características, condições (físicas, socioculturais, políticas, ideológicas etc.) ou elementos que podem ser, inclusive, conflitantes entre si no que diz respeito a determinado assunto, valor, situação, condição, estilo de vida ou ambiente. [...] A diversidade não é algo que faz parte somente do outro, mas está em cada pessoa. [...] Falar em respeito à diversidade significa reconhecer a existência do outro, mas também reconhecer a necessidade que temos uns dos outros nas redes de relações e interdependência local e global.

Quando falamos em sexualidade, gênero e diversidade dentro dos espaços educacionais é inevitável nos questionarmos se os professores e professoras estão preparados/as para dialogar com seus/suas alunos/as sobre essas temáticas. No capítulo seguinte veremos a relação do/a professor/a com a educação para a sexualidade que é um termo que abrange as condições e um diálogo de forma clara e esclarecedora entre professor/a e aluno/a, reconhecendo as diferenças e trazendo para a sala de aula uma discussão livre e espontânea sobre valores e o respeito.

### **1.1- Os/as professores/as e a educação para a sexualidade**

O/a professor/a tem papel fundamental na construção de saberes sobre diversas temáticas para com seus estudantes, sejam eles/as crianças, jovens ou adultos/as, inclusive sobre sexualidade e respeito às diferenças e diversidades. Isso não pode ser confundido com o papel da família de educar, pois são diferentes os valores dados no espaço familiar e nos espaços escolares, além disso, são diferentes os papéis sociais das famílias e escolas, inclusive no que tange à educação. A necessidade é que a escola seja um espaço onde os alunos/as possam aprender e refletir sobre sexualidade e

diversidade de forma a esclarecer possíveis dúvidas sobre gênero, IST, gravidezes, formas de se relacionar, entre outras questões, pois omitir a reflexão educativa desses temas na escola pode produzir em nossos/as jovens diversos efeitos, tais como: vergonha, medo, frustrações e preconceitos, abusos sexuais, traumas que podem causar diversos transtornos.

A troca entre professor/a e aluno/a deve ser aberta e regida pelo diálogo, uma vez que é preciso existir confiança e respeito para que os alunos/as se sintam à vontade ao tirar suas dúvidas, perguntar, ouvir, conversar sobre algo. Então, cabe destacar que o/a professor/a deve ter conhecimento sobre o tema e sensibilidade para não mostrar aos seus alunos/as que seus valores, crenças e ideias são as “verdades absolutas”, mas fazer com que exista uma reflexão e uma troca de informações para que o aluno/a seja capaz de ter sua própria opinião. Nessa direção, Figueiró (2006, p.30) considera que:

É importante salientar que parto do princípio de que todos somos educadores Sexuais: os pais, os professores, os demais profissionais e a comunidade em geral, estejam ou não conscientes disso, uma vez que, no contato com as crianças, adolescentes e jovens, acabamos por passar informalmente, várias mensagens, implícitas ou explícitas, sobre a sexualidade, contribuindo para que os educandos construam suas ideias, seus valores, e seus sentimentos em relação a ela.

Observando o pensamento de Figueiró, notamos que as informações sobre sexualidade são passadas a todo tempo em nosso desenvolvimento, em casa, na escola na rua, nas mídias fazendo que assim, aos poucos, cada um/a crie suas opiniões sobre sexualidade, o que nem sempre ocorre com informações corretas. É fundamental destacarmos que trabalhar a educação em sexualidade, assim como a educação em diversidade, na escola não influencia os alunos/as a iniciarem sua vida sexual, mas sim obter informações para fazer escolhas conscientes e mostrar que é possível viver a sua sexualidade de maneira saudável, quebrando preconceitos, crenças e atitudes errôneas e preconceituosas. Muitas vezes, a família e o ambiente escolar não trazem o assunto para o/a adolescente por medo de incentivarem a imaginação no que diz respeito a sexualidade, o que pode ter como efeito um vazio no tocante ao diálogo quando surgem as primeiras dúvidas no início da puberdade, por exemplo. Segundo Suplicy (1983, p.53),

A orientação sexual nas escolas é um processo formal e sistemático, que se propõe a preencher lacunas de informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos na área da sexualidade, com o intuito de ampliar e diversificar a visão e a postura sobre a sexualidade humana, com respeito e responsabilidade, dentro de um enfoque sociocultural e na reflexão individual de valores e opiniões.

Em relação ao papel dos/as educadores/as:

É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual. [...] (BRASIL, 1998, p.303)

O/a professor/a, com todos os avanços educacionais, tecnológicos, informativos e sociais que vem se apresentando, precisa se atualizar, e em sua formação buscar aprimoramento, para acompanhar o que a mídia, a literatura, as rodas de conversas dentro dos espaços pedagógicos e as trocas de conversas entre os/as alunos/as trazem. Sabemos que existem muitas forças contrárias sobre trabalhar a temática da sexualidade na escola, mas as escolas precisam retomar sua responsabilidade na tomada desses temas. A universidade, por meio dos cursos de formação docente, também precisa assumir sua responsabilidade e formar profissionais da educação que sejam capazes de abordar esses temas em suas práticas pedagógicas.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), desenvolvida em parceria entre o Ministério da Saúde e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, relativa ao ano de 2015, mostra que 27,5% dos/as estudantes escolares brasileiros/as do 9º ano do ensino fundamental já tiveram relação sexual alguma vez. Entre os/as estudantes do sexo masculino 36,0% declararam já ter se relacionado sexualmente alguma vez, enquanto as do sexo feminino, deste mesmo grupo, o percentual foi de

19,5%. Considerando a dependência administrativa das escolas 29,7% de alunos das escolas públicas e 15% das escolas privadas já tiveram relação sexual alguma vez. Sobre o uso de preservativos 27,5% dos escolares que declaram já ter tido relação sexual alguma vez na vida, 61,2 % responderam ter usado preservativo na primeira vez que tiveram relação sexual. Quanto à promoção de ações de prevenção e assistência em saúde, promovida pelas escolas, informando quanto à saúde sexual, os resultados revelaram que 87,3% dos escolares do 9º ano do ensino fundamental receberam informações na escola sobre infecções sexualmente transmissíveis e aids. Com relação a gravidez, 1,1% da população estimada de meninas do 9ºano do ensino fundamental declarou já ter engravidado alguma vez, o que representa um total de 23.620 meninas. Este percentual apresentou grande variação nas grandes regiões (BRASIL, 2015,p.64).

Esses dados servem, entre outras coisas, para justificar a importância de trabalharmos questões de sexualidade nas escolas. Podemos analisar que os/as jovens têm acesso a informações sobre prevenção a gravidezes, IST/aids e que existe um acréscimo no uso de preservativos em suas relações sexuais. No entanto, os dados da pesquisa Pense também demonstram que “o uso de preservativos é mais presente nas relações casuais”.(BRASIL,20015,p.65). E isso nos mostra a necessidade de fortalecermos nossas ações com a população jovem para a prevenção e uso do preservativo em todas as suas relações sejam elas casuais ou estáveis.

Esses dados foram utilizados para ilustrar a necessidade e a importância de abordar esses temas nas escolas. Outros dados (tais como de homo/lesbo/transfobia e racismo) poderiam ser utilizados para destacar a importância de abordar sexualidade e diversidade nas escolas. Não podemos nos omitir dessas discussões, sob pena de contribuir com desigualdades e injustiças. Observando isso podemos inserir diversas formas de educar, e ensinar, promovendo oficinas, discussões, trazendo para as aulas histórias e informações que ajudem a eles/as a verem como a sexualidade pode ser vivida de forma saudável e responsável. Todavia, para que tais temas sejam inseridos nas escolas se faz necessário, entre outras coisas, que eles sejam abordados desde a formação docente.

Considerando a importância da abordagem de tais temas na formação docente, passo, pois, a analisar como elas vêm sendo abordadas no Curso de Pedagogia da UFPB. Destaco que, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Curso de Pedagogia oferece, de acordo com o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) em vigor, aprovado pela

Resolução 64/2006, “uma educação em que se debate sexualidade e temáticas educacionais, culturais e sociais, inseridas em práticas educativas democráticas no intuito de formar profissionais competentes e conscientes”. Porém, apenas três disciplinas possibilitam uma abordagem diretamente sobre as questões de sexualidade e diversidade, são elas:

1. Cultura, gênero e religiosidade: que indica “[...] a multiculturalidade e as relações de gênero no Campo da Educação” (UFPB, 2006, p.34).

2. Educação Sexual: “A filosofia da Educação Sexual. A evolução e a historicidade da Educação Sexual. A dimensão Social da Sexualidade. Atitudes e valores com relação a Educação Sexual. Desenvolvimento Psicossexual, infância, adolescência, vida adulta. Educação Sexual na família e na escola. Metodologia e linguagem, manifestações da sexualidade e problemas de natureza psicossexual. ” (UFPB, 2006, p.34).

3. Educação e diversidade Cultural: “A questão do gênero e a identidade nas culturas [...] (UFPB, 2006, p.32).

Ressalta-se que apenas o componente curricular *Educação e Diversidade Cultural* é obrigatório, sendo os dois outros, componentes curriculares optativos. Cabe indicar que, Segundo Carvalho; Guimarães; Morais; Silva (2014, p.17) “a disciplina de Educação Sexual é bastante procurada entre os estudantes do curso de Pedagogia e entre outros”.

Como já foi dito, para conhecer de que modo sexualidade e diversidade são abordadas no Curso, foram questionários com os/as professores/as que trabalharam nos semestres 2017.1 e 2017.2 com os componentes curriculares *Educação Sexual* e *Educação e Diversidade Cultural*. O componente curricular *Cultura, gênero e religiosidade* não foi inserido nesta pesquisa uma vez que ele não foi ofertado nos semestres pesquisados.

Parto do pressuposto de que, no Curso de Pedagogia da UFPB, as questões de sexualidade e diversidade são pouco abordadas fora do escopo das disciplinas supracitadas. Isso ocorre porque os/as docentes incluem ou não essas questões em suas aulas a depender de seu próprio discernimento e compromisso com os respectivos

temas ou com os movimentos sociais a eles vinculados (CARVALHO; GUIMARÃES; MORAIS; SILVA, 2014).

A inclusão das temáticas educação sexual e diversidade é de extrema importância no curso de Pedagogia, na medida em que contribui para formação de docentes. Ao longo dos anos, como já mencionei, tais temas são trabalhados também em eventos, colóquios e políticas públicas. No próximo capítulo discorrerei sobre algumas dessas políticas e documentos normativos voltados a abordagem dos temas.



## **2. EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE NAS POLÍTICAS PÚBLICAS**

As políticas públicas servem para as melhorias das condições de vida da população de um determinado país. As políticas públicas seriam:

decisões que envolvem questões de ordem pública com abrangência ampla e que visam à satisfação do interesse de uma coletividade. Podem também ser compreendidas como estratégias de atuação pública, estruturadas por meio de um processo decisório composto de variáveis complexas que impactam na realidade (AMABILE, 2012, p. 390).

Em relação às chamadas políticas da diversidade, atualmente estão acontecendo mudanças bem significativas. Estas políticas envolvem diversas áreas como os direitos humanos e inclusão. As mudanças se dão, principalmente, pela falta de reconhecimento do atual governo sobre a importância delas no âmbito das escolas e da formação docente.

As instituições de ensino são locais privilegiados para a valorização das expressões de diversidade e de sexualidade, pois têm como função social atuar no âmbito da promoção de uma cultura de respeito às diferenças, singulares e coletivas.

No âmbito das políticas educacionais, entre os diversos documentos que abordam as atuações das políticas públicas relacionadas a sexualidade e diversidade, podemos citar: os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas - SPE (2003), o Programa Saúde na Escola - PSE (2007), a Lei 10.639/2003, o Programa Brasil Sem Homofobia, os Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres). Todavia, para fins deste TCC, focarei nos PCN pois, mesmo não estando mais em vigor, representam o que mais se adequa ao que se aproximaria de uma abordagem potente das questões de diversidade nas escolas, em meu ponto de vista.

A sexualidade e a diversidade são temas de interesse público, porque ensinam sobre formas de viver melhor, de respeitar os/as diferentes e as diferenças. Em relação à sexualidade, indica Altmann (2001, p. 576): trata-se de um “tema de interesse público,

pois a conduta sexual de uma população repercute na natalidade e na vitalidade das descendências e da espécie, o que por sua vez se relaciona a produção de riquezas, a capacidade de trabalho, povoamento e força de uma sociedade”.

No Brasil, foi a partir de 1998 que as questões relacionadas à sexualidade foram institucionalizadas com a publicação dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL,1998). Dentre os PCN, destaco a ‘(OS) Orientação sexual’ (neste TCC, a orientação sexual está sendo atualizada e tomada como educação para a sexualidade), cujos aspectos eram referentes à sexualidade, questões de gênero e prevenção de HIV/aids.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. (BRASIL, 1998, p.13)

Os PCN eram instrumentos de apoio para discussões pedagógicas sobre os temas da diversidade no ambiente escolar e foram de muita ajuda para a elaboração de projetos educativos, planejamento das aulas, reflexões sobre a prática educativa e análise do material didático em relação às questões de gênero e sexualidade. Incorporado aos PCN, os temas transversais que eram usados como um documento para a escola ficar por dentro dos assuntos recorrentes na sociedade e era de extrema importância na abordagem de questões recorrentes no dia a dia dos alunos. A transversalidade nos PCN sugeriam que esses temas fossem abordados pelas várias disciplinas e não em disciplinas específicas. Segundo o documento:

[...] Não constituem novas áreas, mas antes um conjunto de temas que aparecem transversalizados nas áreas definidas, isto é, permeando a concepção, os objetivos, os conteúdos e as orientações didáticas de cada área, no decorrer de toda a escolaridade obrigatória. A transversalidade pressupõe um tratamento integrado das áreas e um compromisso das relações interpessoais e sociais escolares com as questões que estão envolvidas nos temas, a fim de que haja uma coerência entre os valores experimentados na vivência que a escola propicia aos alunos e o contato intelectual com tais valores. (BRASIL, 1998.p. 97)

Entre o conjunto de temas recorrentes nos temas transversais está a orientação sexual que discutia a necessidade e a importância da escola em cumprir seu papel de orientar para a sexualidade, possibilitando aos/as alunos/as um olhar diferente sobre a temática.

Para isso, optou-se por integrar a Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, por meio da transversalidade, o que significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas de conhecimento. Dessa forma, o posicionamento proposto pelo tema Orientação Sexual, assim como acontece com todos os Temas Transversais, estará impregnando toda a prática educativa (BRASIL, 1998 p.307).

Era, então, um meio para apoiar os/as professores/as na abordagem dos temas da diversidade em sala de aula. A proposta de trabalho com os temas da diversidade, particularmente no tocante à sexualidade, era organizada nos PCN em torno de três eixos norteadores, quais sejam: “Corpo - Matriz da sexualidade, Relações de gênero e Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/aids”.

Com a inclusão da orientação sexual nas escolas, as discussões de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura (BRASIL, 2000, p.293).

Em relação à abordagem das questões relativas à sexualidade nos PCN, de acordo com Santos (2009 p.18):

[...] a orientação preconizada pelos PCNs precisa ser interpretada como uma proposta de Educação Sexual e não como orientação Sexual. Sendo uma educação sexual ou uma 'educação para a sexualidade', ampliamos as discussões para aspectos norteadores das relações humanas: sociais econômicos éticos, étnicos e históricos. Dessa forma, conseguimos nos desvencilhar de práticas minimizadoras ou superficiais que inclusive se fazem vigentes na escola quando se pretende tratar a sexualidade de forma fragmentada em ações pontuais por meio de temas transversais.

Nesse sentido, entendo que a educação em sexualidade se torna assunto necessário entre alunos/as e professores/as por ser relevante perceber que o desenvolvimento do indivíduo, como ser humano e cidadão, também passa pela sua vida acadêmica. Assim, considero que essa questão é necessária no âmbito dos cursos de formação docente. Nessa direção, Montrone e Oliveira (2004) mencionam que:

a sexualidade esta presente nos diversos espaços, incluindo as instituições de nível superior, sendo imprescindível refletir a educação sexual com planejamentos, intervenções e avaliações de conteúdos curriculares ou eixos temáticos voltados aos direitos sexuais reprodutivos ou valores humanos, para que ajude na formação de profissionais solidários e responsáveis para uma sociedade mais justa, igualitária e humana.

Ainda sobre a abordagem desses temas no âmbito da formação docente, destaco que na Resolução do Conselho Nacional de Educação CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006 Artigo 5º, ao descrever as competências necessárias aos ingressos do Curso de Pedagogia, aponta dezesseis atribuições para o/a Pedagogo/a, dentre elas:

IX- identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;

X – demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidade especiais, escolhas sexuais, entre outras (BRASIL, 2006).

Desse modo, a formação docente relacionada à sexualidade e à diversidade é fundamental e, por isso, destacada na referida Resolução. Isso ocorre porque é dever da escola formar para a convivência respeitosa. Para muitos/as, a escola é o único meio de informação sobre questões relativas à diversidade, por isso os/as professores/as precisam estar qualificados para inserir tais temas em suas práticas educativas.

Com as Reformas na Educação ocorridas ao longo das últimas duas décadas, os PCNs foram sendo substituídos por outros documentos e políticas públicas, tais como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Neste documento, a educação para a

sexualidade não é mencionada como um eixo transversal e sim de um modo genérico e amplo. De acordo com a BNCC (2017, p.4), crianças, jovens e adultos têm direito:

Ao respeito ao acolhimento na sua diversidade, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexualidade, convicção religiosa, ou quaisquer outras formas de discriminação, em como terem valorizados seus saberes, identidade, culturas, e potencialidades reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual devem se comprometer.

A BNCC apoia a ampliação de conhecimentos conceituais e defende a importância de que os/as jovens sejam bem informados, para tomarem seus posicionamentos em decisões e questões do mundo atual, todavia não abordam com a devida atenção as questões de diversidade e sexualidade. Assim, podemos indicar que há, na BNCC, uma ausência em relação às questões da diversidade, sobretudo da sexualidade, particularmente quando comparamos com os PCNs. Não temos atualmente, nenhum documento oficial que se proponha a nortear os/as professores/as na abordagem das questões de diversidade e sexualidade.

Até 2010, os governos, organismos internacionais, organizações não governamentais e universidades somaram esforços na tentativa de qualificar profissionais para atenderem essa demanda. Isso resultou em processos educativos formatados com metodologias e cargas horárias diversas, sendo as capacitações e os treinamentos os tipos mais comuns (DAGMAR; FELIX, 2012, p.120). É preciso que esses temas voltem a ser inseridos de modo mais forte nos currículos de formação de docentes.

### 3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este TCC foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo, que se caracteriza por envolver a obtenção de dados descritivos, a partir do contato direto do pesquisador com a situação pesquisada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). A pesquisa qualitativa caracteriza-se por não ser mensurável, como ocorre na quantitativa, pois o sujeito e a realidade são elementos indissociáveis. Sendo assim, é uma forma de pesquisa que considera os traços subjetivos e particulares do seu objeto de estudo. De acordo com Triviños (1990), a pesquisa qualitativa, pelo tipo de técnicas que emprega, não estabelece separações estanques entre a coleta e a interpretação das informações.

Segundo Lakatos e Marconi (1991, p.43) a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui o caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Ainda segundos os autores “pesquisa significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos”.

Dentre as diversas formas de pesquisa que me possibilitariam desenvolver esta pesquisa, optei por realizar um questionário com docentes do Curso de Pedagogia. Para Severino (2010, p. 125) “questionário é um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre o assunto em estudo”. Para Gil (2004), questionário pode ser definido como “uma técnica de investigação social, que tem um conjunto de questões submetidas a um indivíduo, com o intuito de coletar informações, tais como conhecimentos, expectativas ou interesses”.

O questionário utilizado como instrumento de coleta de dados desta pesquisa, foi composto por 10 (dez) perguntas feitas aos/às docentes das disciplinas de *Educação Sexual* e *Educação e Diversidade Cultural* dos períodos 2017.1 e 2017.2. O intuito foi de conhecer o que os/as professores/as dessas disciplinas pensam sobre as questões de diversidade e sexualidade e como trabalham esses temas em suas aulas.

A pesquisa foi realizada no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, *Campus I*. O trabalho de campo foi realizado entre fevereiro e abril de 2018 e se desenvolveu a partir das seguintes etapas:

1) Pesquisa junto aos Departamentos de Habilitações Pedagógicas (DHP) e de Fundamentos da Educação (DFE) sobre os nomes dos/as docentes que trabalharam com os componentes curriculares *Educação e Diversidade Cultural* e *Educação Sexual*, respectivamente, nos períodos de 2017.1 e 2017.2. Nesta etapa foram mapeados, 11 docentes, sendo, 5 de *Educação e Diversidade Cultural* e 6 de *Educação Sexual*. Cabe indicar que devido a licença capacitação e licença de saúde de alguns docentes, a pesquisa foi realizada com 6 dos/as professores/as.

2) Com a lista dos nomes dos/as professores/as, procurei encontrá-los/as pessoalmente ou por e-mail para o preenchimento dos questionários.

3) Todos/as os/as professores/as assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4) O terceiro passo foi digitar, categorizar e analisar os dados.

### 3.1-Sujeitos da Pesquisa

No total, foram entrevistados/as seis docentes dos componentes curriculares já mencionados. O quadro a seguir apresenta as características dos/as docentes que foram sujeitos desta pesquisa.

**Quadro 1- Características dos Professores/as:**

<u>PROFESSOR (A)</u>	<u>SEXO</u>	<u>RAÇA/COR</u>	<u>FORMAÇÃO INICIAL</u>	<u>TEMPO DE ATUAÇÃO NA DOCENCIA</u>
Docente 1	(F)	Branco/a	Lic/Bac Historia	20 anos
Docente 2	(F)	Branco/a	Direito	41 anos

Docente 3	(F)	<u>X</u>	Lic. Historia	13 anos
Docente 4	(M)	Branco/a	Lic. Biologia	25 anos
Docente 5	(F)	Branco/a	Lic. Pedagogia	39 anos
Docente 6	(M)	Negro/a	Lic. Pedagogia	15 anos

Fonte: Dados da Pesquisa

Para a apresentação dos resultados desta pesquisa, transcrevi as respostas dos sujeitos participantes como forma de garantir autenticidade dos dados. Não foram citados os nomes dos/as entrevistados/as na tentativa de proteger suas identidades.



#### **4. SEXUALIDADE E DIVERSIDADE: O QUE DIZEM OS/AS DOCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA ?**

Nesta parte do trabalho, apresento os resultados dos questionários aplicados com os/as docentes. As diversas questões, bem como suas respectivas respostas, são descritas e analisadas neste capítulo. Na primeira questão, o foco foi identificar se os/as docentes gostam de trabalhar com educação sexual, gênero e outros temas da diversidade. As respostas foram variadas, vejamos:

**Docente 1:** *Sim, trabalho de forma a cumprir ementas com esses recortes, ou de forma transversal e interdisciplinarmente.*

**Docente 2:** *Eu não sou especialista no tema. Sei que o tema entra como assunto transversal nos PCNs e dentro da disciplina Educação e diversidade Cultural. Mas ela não é uma abordagem específica da disciplina, eu não trabalho com gênero, nem com sexualidade.*

**Docente 3:** *Sim, gosto. Foi a escolha que fiz ao escolher estudar educação e raça na perspectiva histórica no mestrado. Desde então, trabalho com isso no ensino, na pesquisa e na extensão.*

**Docente 4:** *Adoro trabalhar Educação e Saúde do Corpo. Física, Mental e Social.*

**Docente 5:** *Sim, porque são temas necessários, importantes e interessantes.*

**Docente 6:** *Sim, são temas essenciais para a formação de professores e formação humana em geral.*

Podemos identificar através das respostas que os/as professores gostam e se sentem a vontade para trabalhar com os temas em sala de aula, mesmo quando não se dizem especialistas no tema, como a Docente 2. Esse é um dado interessante e importante na medida em que considero que esses temas, no âmbito da universidade, precisam ser abordados por pessoas que têm algum tipo de identificação com eles pois, diferentes de sua abordagem na educação básica, no âmbito da formação docente, esses temas precisam ser aprofundados para garantir formação de qualidade para os/as futuros/as profissionais.

Na questão seguinte, busquei identificar como se deu a formação deles/as (se cursou alguma disciplina, ou algum curso na área) para trabalhar os temas em sala de aula. Os/as docentes descreveram as seguintes respostas:

**Docente 1:** *Trabalhei no GT “Gênero e questão agraria” na graduação e cursei disciplinas de pós-graduação sobre esse tema. Atuei também em especialização sobre esse tema.*

**Docente 2:** *Eu acho que quem trabalha com gênero e sexualidade, que é um tema que oferece um tópico específico, geralmente essas pessoas têm uma capacitação, uma formação específica. Mas, no meu caso, ou no caso de alguma outra professora que trabalhou com essa disciplina de diversidade, não existe realmente uma formação específica para a disciplina trabalhar o tema. Eu não tive nenhuma disciplina na graduação ou na pós-graduação que abordasse o tema.*

**Docente 3:** *Quase não trabalho com gênero e sexualidade justamente porque não tenho formação para isso. Minha atuação é na questão racial entre brancos e negros. Mas procuro tocar em assuntos ligados à gênero e sexualidade em debates mais amplos, quando é possível dentro da aula.*

**Docente 4:** *Fiz especialização em Fisiologia do Corpo. Fisiologia humana. Mas na época não cursei nenhuma disciplina sobre o tema.*

**Docente 5:** *Meu estágio supervisionado na graduação em Pedagogia, a habilitação em orientação Educacional foi sobre orientação sexual. No mestrado estudei gênero, quando o termo não era adotado. “Falava-se em relações sociais de sexo”, depois continuei estudando gênero.*

**Docente 6:** *Na graduação não tinha disciplinas com essas temáticas. Porém alguns/algumas professores/as realizavam atividades sobre a temática nas disciplinas. Fiz uma especialização em Educação Sexual, e em seguida fiz Mestrado em Salud Sexual. Educacion Sexual.*

De acordo com as respostas, podemos analisar que apenas os/as docentes 1, 4, 5 e 6 dizem ter algum tipo de “capacitação” para abordar as questões de sexualidade através de especialização ou pós-graduação. Os/as docentes falam da falta de disciplinas

que abordavam essas temáticas quando cursaram a graduação, e os que não trabalham diretamente as temáticas de gênero e sexualidade em suas aulas, trazem o assunto para sala de aula sempre que possível. Cabe indicar que nenhum/a dos/as professores/as entrevistados/as cursou a graduação em tempos de “proliferação” da diversidade nas políticas públicas educacionais, que poderíamos destacar que foi a partir dos PCN, em 1998. Antes disso, de fato, as questões de sexualidade e diversidade não integravam os currículos de formação docente.

Busquei saber a seguir o que eles/as pensam sobre o trabalho com sexualidade, gênero e outros temas da diversidade no Curso de Pedagogia e nas escolas. As respostas foram:

**Docente 1:** *É necessário trabalhar no currículo, acentuando uma perspectiva da interdisciplinaridade como nos PCNs, com eixos sobre classe, gênero, etnia...*

**Docente 2:** *Eu nunca pensei nada até agora. Como eu disse a você eu acho que é um assunto importante, acho que é uma temática não só importante dentro de uma perspectiva histórica, mais ainda dentro de um contexto atual, quando se está dando uma ênfase maior à condição da mulher, do respeito ao diferente, aos problemas das equidades, da inclusão, eu acho que isso é muito importante. Mas especificamente de pensar no curso ou da escola não. Mas tenho a concepção de que importante.*

**Docente 3:** *Acho que ainda é bem menos do que o necessário. Em tempos de Escola “sem” partido e aumento do conservadorismo, são temas urgentíssimos.*

**Docente 4:** *Penso que é importante. Pois para conhecermos o corpo a gente precisa se conhecer. Dentro da minha disciplina falo de sexualidade, mas tem muita gente que não sabe o que é. Por isso falo da fisiologia do corpo, ciclo menstrual, TPM, reprodução, puberdade...*

**Docente 5:** *Imprescindível.*

**Docente 6:** *Necessário e Urgente! Uma forma de espaço para os debates em prol de construção de uma sociedade mais justa, igualitária e plural.*

Sobre as respostas à questão 3, analiso que os/as docentes consideraram importantes a abordagem dessas temáticas nas instituições de ensino. Todos/as os/as

docentes acreditam na importância do trabalho educativo com esses temas. Pelos dados trazidos nos capítulos teóricos, essa é uma informação importante, na medida em que se faz urgente trabalhar esses temas na escola e, conseqüentemente, nos cursos de formação docente. De meu ponto de vista, essas questões precisam ser abordadas de forma transversal e interdisciplinar. A interdisciplinaridade nos textos dos PCNs é denominada de eixo organizador da doutrina curricular (BRASIL,1998). Analiso que ,nos textos dos PCNs, a noção de interdisciplinaridade está ligada à inclusão de a integração entre as disciplinas como forma de questionamentos para articular conteúdos.

Na seguinte pergunta, questionei-os/as acerca da forma pela qual esses temas são trabalhados em suas aulas. E se os mesmos percebem a participação dos alunos e responderam:

**Docente 1 :** *A temática é abordada através de leituras prévias e /ou coletivas de texto, problematizadas e solicitadas atividades de resumos, artigos, pesquisas de campo na educação básicas filantrópicas, palestras etc. Os/As estudantes participam intensivamente, embora recentemente o fundamentalismo religioso por vezes gere conflitos.*

**Docente 2:** *Eu pergunto de forma geral. Eu não pergunto nas aulas sobre o tema sexualidade ou gênero. É um dos componentes da disciplina, e pergunto se os temas são de interesse, se a disciplina é interessante. E assim há a interação.*

**Docente 3:** *Em relação à questão racial, misturo com os temas que abordo em políticas educacionais. Quando ministro Educação e Diversidade, dedico todo o programa ao debate sobre relações raciais*

**Docente 4:** *É abordada através da anatomia, do funcionamento das glândulas que fornecem hormônios feminino e masculino, alo também da influencia das mídias, televisão, novelas, musicas. Percebo que os alunos trazem muitas curiosidades e surpresa quando começam a conhecer mais sobre a sexualidade.*

**Docente 5:** *Sempre inclui gênero, nas disciplinas que lecionei, a partir da constatação de que a pedagogia é um curso frequentado majoritariamente por mulheres. Leciono a disciplina Educação e diversidade Cultural e necessariamente abordo gênero e orientação sexual. O alunado gosta principalmente de debater sexualidade.*

**Docente 6:** *A Temática é abordada de varias formas. São assuntos como IST, abordagens de Educação sexual, corpo humano, violência contra crianças, gênero, homofobia, os PCNs e metodologicamente uso vídeos, seminários, depoimentos, reportagens etc.*

Podemos analisar que os/as docentes incluem, em suas disciplinas, as temáticas e que desenvolvem estratégias para promover a participação dos/as estudantes. Para Louro (1999, p.11) a sexualidade é o modo pelo qual os sujeitos expressam os seus desejos, “envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, e processos profundamente plurais e culturais”. Isso mostra que há diversas formas de se viver a sexualidade e que, portanto, o tema da sexualidade e das diversidades de modo amplo devem ser abordadas de modo a fazer sentido para os/as estudantes.

Na questão seguinte, busquei identificar se como professor/a de uma IES, os/as sujeitos desta pesquisa percebem em seus alunos/as a necessidade de aprender sobre uma educação para a sexualidade e as respostas foram variadas:

**Docente 1:** *A educação sobre a sexualidade é uma necessidade por pertencer ao campo de conhecimento cultural, possui ampla abrangência universal e focalizada.*

**Docente 2 :** *Não.*

**Docente 3:** *Grande parte dos/as estudantes vêm de uma formação em que o assunto é tabu. Há também muita desinformação. Então sim, percebo a necessidade.*

**Docente 4:** *Sim. Os alunos são questionadores e geralmente vem à aula buscando respostas sobre a vida sexual e reprodutiva*

**Docente 5:** *Sim, porque lidarão com crianças e jovens que expressam a todo tempo curiosidades, atrações desejos dentro do ambiente escolar*

**Docente 6:** *Necessidades todos nós temos. Porém muitos/as chegam pensando somente em estudar as questões de IST, gravidez, métodos contraceptivos (ou seja a disciplina reduz-se a isso). Quando apresento o programa de disciplina, os/as alunos/as percebem que estudaram questões de gênero, história da sexualidade, fases do desenvolvimento da sexualidade, violência contra crianças, homofobia, erotização de corpos entre outros...*

Pelas respostas descritas acima, percebemos uma variação entre elas. Isso parece ocorrer pela formação dos/as docentes e pelo modo como abordam tais questões em suas disciplinas. Quando o componente curricular se apresenta mais amplo no âmbito das questões da sexualidade, parece que os/as estudantes apresentam ali suas dúvidas. Quando o plano tem outros focos, obviamente, não há espaço para dúvidas se o conteúdo não é explorado. Isso fica nítido na resposta do docente 6, que diz: “Quando apresento o programa de disciplina os/as alunos/as percebem que estudaram questões de gênero, história da sexualidade, fases do desenvolvimento da sexualidade, violência contra crianças, homofobia, erotização de corpos entre outros...” e também no “não” alusivo à resposta do/a docente 2.

Félix (2012, p.15) entende gênero como “os processos (pessoais, sociais, institucionais) pelo qual os sujeitos vão se constituindo como masculinos e/ou femininos em processos nunca finalizados, fixos e lineares no contexto da cultura e no interior das relações de poder)”. O conceito de gênero serve para questionar e problematizar desigualdades sociais e características definidas como diferenças, corporais, psíquicas, sociais entre outras, atribuídas de modo fixo e linear a homens e mulheres.

A seguir perguntei sobre a importância da Universidade oferecer disciplinas que abordem temas relativos a sexualidade e diversidade e as respostas foram:

**Docente 1 :** *A universidade, para cumprir o tripé: ensino, pesquisa e extensão, precisa oferecer formação para o mercado e principalmente uma formação humana, focada em princípios igualitários.*

**Docente 2:** *Importante para termos pedagogos mais conscientes para trabalhar em sala de aula.*

**Docente 3 :** *Tentar naturalizar algo que deveria ser natural.*

**Docente 4:** *Acho importante.*

**Docente 5:** *A universidade deveria oferecer como extensão para seu alunado.*

**Docente 6:** *Pensar a formação humana de forma integral.*

Analiso que todos/as os/as professores/as disseram reconhecer a importância da Universidade oferecer essas disciplinas, de forma integrá-las nos currículos de formação dos pedagogos/as. Acredito que a abordagem de questões como sexualidade e diversidade são fundamentais para formar profissionais da educação capazes de intervir diante de situações de discriminação no tocante às questões de diversidade, sexualidade, gênero etc.

Perguntei também se os/as estudantes os/as procuravam para tirar dúvidas pessoais sobre a sexualidade e diversidade e, nesse caso, quais eram as principais dúvidas apresentadas. Para essa questão, os/as docentes indicaram:

**Docente 1:** *Sim, vários! E constantemente. E sobre as dúvidas é quanto à compreensão das diferentes concepções da aceção da categoria, identidades, identidades de gênero, identidades sexuais. E também quanto às metodologias, para cada fase do ensino aprendizagem.*

**Docente 2:** *Não. Sempre referente ao que esta sendo abordado em sala de aula.*

**Docente 3:** *Não. Há uma grande diversidade de formações e experiências. Desde alunos e alunas militantes em movimentos negros e populares que já conhecem muito da discussão, quanto estudantes para quem tudo é novidade.*

**Docente 4:** *Não. Dúvidas sobre o Dimorfismo Sexual. E o que o dimorfismo? Di sgnifica 2, quando você separa no momento da embrionagem da fecundação, na 7º 8º semana da fecundação, e é isso que vocês chamam de gênero. Morfismo significa a transformação de uma estrutura. Não discuto muito sobre gênero, pois parto primeiro do embasamento da sexualidade que é uma unidade a parte.*

**Docente 5:** *Não. Em geral não dominam os conceitos de gênero e sexualidade e desconhecem os marcos legais e políticos da diversidade sexual e de gênero, em como da igualdade de gênero como direitos humanos*

**Docente 6:** *Sim! Aproveitam a discussão sobre algum assunto e reservadamente perguntam. As dúvidas que eles têm são: Como resolver as questões de sala de aula que envolvem a sexualidade? Como realizar um trabalho que envolva os pais? Como abordar determinadas temáticas?*

Em geral, os/as professores/as não são procurados por seus alunos/as para tirarem dúvidas mais pessoais. Apenas os/as professores/as 6 e 1 comentam que sim. O professor 6 fala das dúvidas de seus alunos e alunas em relação a quando estiverem trabalhando, exercendo a função docente e como irão resolver questões que envolvem a sexualidade em sala de aula. O instrumento de coleta de dados utilizado, ou seja, o questionário, não nos possibilita perceber se os/as docentes não são procurados porque os temas são pouco articulados em sala, se as dúvidas são tiradas durante as aulas, se as relações estabelecidas entre esses/as docentes e seus estudantes não permitem questionamentos outros para além daquilo que é abordado em sala. De todo modo, penso que no trabalho com os temas da diversidade, os/as docentes devem estabelecer relações que permitam aos/as estudantes fazerem perguntas, tirarem dúvidas para além daquelas trabalhadas no coletivo da sala de aula.

Na seguinte questão, interroguei sobre quais as maiores dificuldades que eles/as, como docentes encontram para realizar um trabalho sobre questões relacionadas a sexualidade com seus alunos/as. As respostas foram:

**Docente 1:** *O pouco tempo para se trabalhar. Por vezes, precisamos pautar através de propostas de cursos de extensão já que o tempo dedicado no ementário de algumas disciplinas requer vários temas, concomitantemente articulados.*

**Docente 2:** *Eu acredito que não tenho dificuldades. Pelo menos ate agora não tive problemas não. Não sei se é por que como eu disse a você, não é um tema específico da minha disciplina, mas conheço professores que já teve problemas em dar aula, que aluno se levantou e se recusou a participar da temática. Mas como eu não abordo isso talvez de forma mais direta, então ate agora não tive problemas não.*

**Docente 3:** *Como afirmei, pouco trabalho com questões relacionadas a sexualidade.*

**Docente 4:** *Falta de conhecimento dos alunos sobre a Biologia do Corpo. O baixo e limitado conhecimento. Fora isso segue minha ementa, plano de aula conforme é preciso.*

**Docente 5:** *Raramente há resistências, motivadas por crenças religiosas fundamentalistas.*



**Docente 6:** *Não encontro!*

De acordo com as respectivas respostas, alguns/as docentes encontram dificuldades com relação ao pouco tempo para se trabalhar a temática em um período, além disso, foram citadas resistências ligadas a crenças religiosas.

E na última questão, pedi a opinião dos/as docentes acerca do interesse dos/as estudantes sobre as questões de sexualidade e diversidade. Os/as docentes disseram:

**Docente 1:** *Sim. Mesmo os/as alunas/os que discordam de alguma forma sobre o ensino dessa temática colocam-se dispostos a discussão. É um tempo do projeto escola sem partido e da nova base curricular que retira esses conteúdos por dizer ser ‘ideologia de gênero’ requer discussão e problematização profunda sobre esse importante campo de conhecimento.*

**Docente 2:** *Olhe, eu acho que alguns tem. Alguns principalmente os gays eles apresentam um maior interesse, mas cada um tem seu interesse, por exemplo, os negros as negras vem à aula com interesses em questões étnicas, alguns com interesses em questões de teor religioso querendo estudar a religiosidade, então eu acho que as pessoas buscam aquilo que diz respeito diretamente a sua forma de vida, suas militâncias e formas de ver o mundo.*

**Docente 3:** *Sim, apesar do embaraço que essas questões podem trazer, em comentários e expressões alunos e alunas demonstram interesse*

**Docente 4:** *Sim. Quando ministrei a disciplina Educação Sexual, tinha muitos alunos e todos interessados nas abordagens relativas ao corpo humano.*

**Docente 5:** *Tem interesse sim. Quando o assunto é sexualidade já noto que as mesmas expressam simpatia pelo feminismo. Poucos/as são resistentes.*

**Docente 6:** *Sim! Muitos reconhecem a necessidade de estudos sobre essas temáticas.*

De acordo com as respostas dos/as professores/as, os/as alunos/as expressam interesses e como fala o docente 6, muitos reconhecem a necessidade dos estudos sobre essas temáticas.

A professora 5 fala sobre a simpatia de alguns alunos/as pelo feminismo, perspectiva que preconiza a igualdade de direitos entre mulheres e homens, o que é

muito interessante na medida em que a Pedagogia é um curso composto em sua maioria por mulheres, tanto estudantes quanto professoras.

Os dados desta pesquisa apontam que os componentes curriculares Educação e Diversidade Cultural e Educação Sexual são vistos pelos/as professores/as como importantes para a formação dos/as profissionais da Pedagogia. Os/As docentes apontam para a necessidade desses temas no currículo. Outro ponto que ficou evidente foi a diferença de perspectiva com as quais os/as docentes trabalham nessas disciplinas: os focos são variados e passam por questões de gênero e feminismo, questões étnico-raciais, corpo, diversidade sexual, infecções sexualmente transmissíveis. As abordagens variam de acordo com a formação dos/as docentes, bem como os temas com os quais trabalham na pós-graduação, na pesquisa e nos projetos de extensão. Penso que é importante alinhar a abordagem desses temas, obviamente considerando a autonomia docente, para garantir que os/as estudantes tenham uma formação compatível aos desafios e as potencialidades de abordagem desses temas nas escolas e outros espaços educativos nos quais venham a atuar profissionalmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero de extrema importância os trabalhos com educação para sexualidade e educação para diversidade nos cursos de formação de professores/as, em especial no curso de Pedagogia, analisado nesse trabalho de TCC. Quando pensamos no trabalho com essas temáticas em espaços educacionais, objetivamos que os alunos/as do curso tenham informações para viverem sua sexualidade de forma plena e, principalmente, para que tenham condições de abordar essas questões nos espaços educativos em que forem atuar profissionalmente.

Analiso, diante das respostas ao questionário realizado, que os/as professores/veem o interesse dos/as alunos/as nos temas da diversidade e da sexualidade, reconhecem a importância de se trabalhar essas temáticas e que o Curso de Pedagogia apresenta algumas lacunas na abordagem de tais temáticas em suas respectivas disciplinas. Considero que as questões de sexualidade e diversidade podem e devem ser abordadas nas várias disciplinas do curso e não apenas nas disciplinas analisadas aqui, a partir de uma perspectiva de transversalidade. Destaco que a disciplina *Educação e Diversidade Cultural*, obrigatória no atual currículo, pode ser ampliada na perspectiva de considerar de modo mais amplo as questões que envolvem a sexualidade e que a disciplina optativa *Educação Sexual* pode ser elaborada de forma mais abrangentes para considerar também questões da diversidade. Considero que essas duas disciplinas são complementares.

A questão em si é que a Universidade, em geral, e o Curso de Pedagogia, em particular, precisa ampliar discussões sobre as questões da sexualidade e da diversidade para além da sala de aula e dos componentes curriculares, por meio de oficinas, seminários, colóquios, projetos de extensão entre outras possibilidades. Em tempos difíceis como estes, não podemos reduzir os esforços de formar docentes para trabalharem com questões de sexualidade e diversidade, na perspectiva de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Por fim, reconheço a importância deste trabalho perante a práticas educativas, e que este TCC não está pronto e acabado, pois pretendo continuar a pesquisar estes temas nas minhas próximas etapas de formação. Assim, este estudo representa apenas um pouco das minhas observações com relação ao tema que é de suma importância para nossos/as jovens e adolescentes, na medida em que, através dessas questões, serão

desencadeadas diversas discussões que envolvem não só a sexualidade mas a sociedade e a educação de um modo geral.

## REFERÊNCIAS

AURÉLIO, **O mini dicionário da língua portuguesa**. 4º edição, revista e ampliada 7ª impressão. Rio de Janeiro: Editora nova fronteira, 2002.

ALTMANN, H. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p.575-587, 2001

AMABILE, AMABILE, Antônio Eduardo de. **Políticas Públicas**, In: CASTRO, Carmem Lúcia Freitas; GONTIJO, Cynthia Rúbia Braga; AMABILE, Antônio Eduardo (Orgs.). Dicionário de políticas públicas. Barbacena: EdUEMG, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Temas transversais**. 2ª Ed. Brasília, MEC: 1998.

BRASIL. Ministério de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura**. Resolução CNE /CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p.11.Maio de 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação-Conselho Pleno**. Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Saúde de Escolar**. Rio de Janeiro. 2015.

CARVALHO, M.E.P. **Gênero e educação superior**: apontamentos sobre o tema / Maria Eulina Pessoa de Carvalho. Glória Rabay. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

CARVALHO, M.E.P.; GUIMARÃES, F.M.; MORAIS, A.B.A.; SILVA, F.G.C.. Inclusão da temática de gênero no Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba: primeiros passos. **Espaço do Currículo**, v. 7, n.2, p.262-275, Maio a Agosto de 2014.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA; Rogério Diniz. **Gênero e diversidade sexual**. João Pessoa. Ed.UFPB, 2009.

COSTA, M. V; SILVEIRA, R. M. R. ; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, Ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>>. Acesso em: 14 de maio de 2018.

FAGUNDES, T. C. P. **Mulher e Pedagogia: Um vínculo re-significado**. Salvador: Helvécia, 2005.

FELIX, J. Revista Espaço do Currículo. **Políticas de Currículo e Formação Docente: tensões e desafios no cenário educacional brasileiro**. Vol.8, nº3( 2016).

FELIX, J. “**Quer teclar?**: Aprendizagens sobre juventude e soropositividades através de bate-papo virtual. Tese (Doutorado Em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico, **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel. (Coleção Dimensões da Sexualidade), 2006.

FIGUEIRÓ. Mary Neide Damico. **Homossexualidade e Educação Sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: Eduel, 2007.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIL, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. São Paulo; Atlas ,1991.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autentica Editora, 1999.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEYER, D.E.E; FELIX, J. “Estamos preparados/as para lidar com a prevenção das DST/HIV/Aids em nossas práticas educativas?: relações e desafios entre formação de formadores/as e currículo. In: PAIVA, V.; PUPPO, L.; SEFFNER, F. (Orgs.). **Vulnerabilidade e Direitos Humanos**: Prevenção e Promoção da Saúde - Pluralidade de Vozes e Inovação de Práticas. 1ªed. Curitiba: Editora Juruá, 2012, v. 3, p. 153-172.

MONTRONE, A. V. G.; OLIVEIRA. M.W Sexualidade: novas abordagens. In: SOLFA, G.C.(Org). **Gerando Cidadania**: reflexões, propostas e construções praticas sobre os direitos das crianças e dos adolescentes .São Carlos: Editora RIMA, 2004.

NUNES, C.A. **Desvendando a Sexualidade**. 5ªEd. Editora Papirus, 2003.

RIBEIRO, P.R.M. (2005). **Sexualidade também tem historia**: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: Maia, A.C.B.; Maia, A.F. (org). Sexualidade e infância. (Cadernos CECMCA nº1, Faculdade de ciências ).(pp.17-34).Brasília, DF,:MEC/SEF.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. ARAÚJO, Débora Cristina de. Sexualidade e Gêneros: **questões introdutórias**. In: **Sexualidade**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. - Curitiba: SEED – 2009.

SARTORI, A. J. **Gênero na educação: espaço para diversidade**. 3º Ed. SARTORI, A.J.. BRITTO, N.S. Florianópolis: Genus, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. São Paulo: Vozes, 1983.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** .SP: Atlas, 1990.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Projeto político pedagógico**: Curso de Graduação em Pedagogia. João Pessoa: Editora UFPB ,2006.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: **O corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G.L. (Org.). 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

## ANEXOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DISCENTE: ADRIANA DE LIMA VIRGINIO**  
**ORIENTADORA: PROFA. DRA. JEANE FÉLIX DA SILVA**

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

O presente Roteiro de entrevista destina-se a realização de uma pesquisa qualitativa para o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia com o tema: 'A educação em sexualidade no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba/UFPB: O que dizem os docentes? Este trabalho tem por objetivos saber qual a importância de se trabalhar a Temática da sexualidade na Graduação do Curso de Pedagogia.

Sexo: M ( ) F ( )

Formação

Raça/Cor:

Tempo de atuação docente:

### **QUESTÕES:**

1- Você gosta de trabalhar com educação sexual, gênero e outros temas da diversidade? Fale um pouco sobre isso.

2- Como se deu sua formação para trabalhar o tema da sexualidade em sala de aula? Você cursou alguma disciplina sobre o tema? Fez algum curso na área?

3- Qual a importância de trabalhar a sexualidade na formação de Pedagogos/as?

4- O que você pensa sobre o trabalho com sexualidade, gênero e outros temas da diversidade no curso de pedagogia e na escola?



5-De que forma essa temática é abordada em suas aulas? Como você percebe a participação dos alunos/as?

6- Como professor (a) de uma IES, você percebe em seus alunos (a) a necessidade de aprender sobre Educação para a Sexualidade? Explique melhor.

7-Qual a importância da Universidade oferecer uma educação para a sexualidade aos alunos/as?

8-Quais as principais dúvidas que os seus alunos/as trazem sobre essas temáticas para a sala de aula?

9-Dos seus alunos (a), algum já procurou você para tirar dúvidas mais pessoais sobre a sexualidade?

10-Quais as maiores dificuldades que você como professor/a encontra para realizar um trabalho sobre sexualidade com seus alunos/as?